

VI Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”



São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012

ESCOLA E FAMÍLIA: responsabilidade compartilhada

Eixo Temático: Educação, Sociedade e Práticas Educativas.

Keila Rosa dos Santos Brito¹

Viviani de Oliveira Freitas²

RESUMO

Objetivou-se com este estudo, obter informações a respeito dos conceitos da família e da escola em relação ao papel de ambos no contexto educacional, investigar os reais motivos que vem dificultando a interação da família com a escola assim como proporcionar conhecimentos sobre a importância de uma relação fortalecida entre estas instituições para o sucesso do educando. Adotou-se o método Científico a partir de pesquisas já realizadas á respeito do assunto onde foi possível analisar diferentes resultados já obtidos o que facilitou uma visão abrangente sobre o tema abordado. Verificou-se que apesar da escola acreditar que a participação da família na escola possa contribuir de forma significativa no processo de ensino-aprendizagem pouco tem feito para concretizar essa parceria. Quanto à família, esta ainda não se conscientizou da importância de seu papel nesse processo. Conclui-se, portanto, de acordo com a pesquisa realizada que cabe a escola buscar meios para que possa compartilhar com a família a responsabilidade na formação de ser social.

Palavras-Chave: Escola, Família, Relação ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

The objective of this study, information about the concepts of family and school regarding the role of both in the educational context, investigate the real reasons hampering the interaction of family with the school as well as provide insight into the importance of a strengthened relationship between these institutions to the success of the student. We adopted the scientific method from previous studies will be the subject where it was possible to

analyze the different results obtained which facilitated a comprehensive view on the subject.

It was found

¹Pedagoga, graduada pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, Pós Graduada em Psicopedagogia pela ESEA. Mestranda pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia Lisboa – PT, E-mail: keilarosal@hotmail.com.

²Pedagoga, graduada pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, Pós Graduada em Psicopedagogia pela ESEA. E-mail: viviani-freitas@hotmail.com

that although the school believe that family participation in school can make a significant contribution in the teaching-learning process has done little to implement this partnership. As for the family, this is not yet aware of the importance of their role in this process. We conclude, therefore, according to research that fits the school to seek ways for you to share with family responsibility in the formation of social being.

Keywords: School, Family, Relationship, teaching-learning.

INTRODUÇÃO

As transformações resultantes da revolução científica e tecnológica causaram no mundo atual uma série de incertezas relacionadas ao progresso, progresso este que vem contribuindo com as profundas mudanças sociais causando reflexos diretamente tanto no meio familiar quanto educacional o que vem provocando uma transferência de responsabilidades. Nesse diapasão, fica evidente a atitude da família em passar para a escola a sua função em virtude da necessidade de superar os desafios impostos pelo mercado de trabalho que se concentra cada vez mais competitivo, exigindo do trabalhador mão de obra qualificada e polivalente para garantir um espaço na era globalizada.

Diante deste contexto realizou-se uma pesquisa bibliográfica no intuito de adquirir conhecimentos teóricos que servirão de suporte no decorrer do processo investigativo oferecendo condições tanto para definir quanto para explorar novas situações-problema na tentativa de contribuir na solução dos mesmos. Após a realização da pesquisa, tornou possível uma compreensão da realidade atual do contexto educacional, o que possibilita sugerir propostas de ação/ensino com a questão estudada.

A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA NO CONTEXTO ATUAL E O PAPEL DO PROFESSOR NA RELAÇÃO COM A FAMÍLIA

A escola acredita que o êxito do processo educacional depende da atuação da família, que por sua vez deve estar atenta aos aspectos do desenvolvimento da criança de modo que possa contribuir no preparo intelectual de forma efetiva e compromissada.

Falam da responsabilidade pela formação ampla dos alunos que os pais transferiram para ela e acrescenta que isto a desviou da incumbência precípua de transmissora dos conteúdos curriculares, sobre tudo, de natureza cognitiva. Com isso, ao contrário de ter as famílias como parceiras, acaba afastando-as cada vez mais do ciclo escolar. Di Santo, (2007).

Para Tiba (1998), não adianta os pais exigirem da escola a função de educar os filhos e nem a escola atribuir aos pais tal função. A situação é de conflito e temos de encontrar soluções para o benefício de todos, pois a educação virou uma batata quente que ninguém quer segurar. Ao se tratar da tarefa de educar entra num jogo de empurra de responsabilidades sobre os alunos, entre a escola e a família, a família cobra que a educação seja dada pela escola, enquanto esta diz que deve vir de berço e nesse jogo a educação vira área de ninguém.

Ao lado da família, a instituição educativa se firma como um espaço de formação que deve para todo repensar sua prática no sentido de formar os educadores para que os mesmos lancem mão de recursos que os permitam lidarem com esses conflitos próprios do cotidiano escolar.

Para Tiba (1998, p.15) “existe um descompasso entre essa capacitação e a solicitação dos pais em relação à educação dos filhos”. [...] Tiba nos convida a uma reflexão a cerca do que há para ser ensinado às crianças, sobre a metodologia que pode tornar mais coesa a ação docente, sendo essa ação, uma alavanca que poderá ajudar a escola a encontrar saídas legítimas, superar problemas morais e éticos os quais assolam o seu dia-a-dia, vez que a escola não é única instância de formação e cidadania, nesse diapasão, a família tem seu papel principal.

O desenvolvimento do indivíduo e da sociedade depende cada vez mais da qualidade e da igualdade de oportunidades educativas. A escola é um espaço concreto fundamental para a formação de significados e para se exercer a cidadania na medida em que possibilita a aprendizagem e a participação crítica e criativa, enquanto para a família, quando mais individualizado for o ensino, melhor para o seu filho, pois nessa suposição, torna-se possível ajudá-lo e destacá-lo, tendo, portanto uma preocupação no âmbito privado, sendo este

enfoque mais individual do que social, em contrapartida a escola objetiva preparar o aluno dentro de uma estrutura coletiva (ARENDRT apud CASTRO, 2002).

Portanto, o desafio das escolas é sair dos polos de extremidades, buscando valorizar tanto a informação quanto a formação, tanto no educador como no educando, tanto o método quanto os conhecimentos acumulados, resgatando a importância do conjunto na construção de conceitos e valores. Conforme esclarece Campos (1993).

De um modo mais amplo no que se trata sobre a educação Nérici afirma:

A educação deve orientar a formação do homem para ele poder ser o que é, da melhor forma possível, sem manifestações, sem deformações, sem sentido de formação social. Assim a ação deve coincidir sobre a realidade pessoal do educando, tendo em vista explicitar as suas possibilidades, em função das autênticas necessidades das pessoas e da sociedade [...] a influência da família, no entanto é básica e fundamental no processo educativo do imaturo e nem uma outra instituição está em condição de substituí-la. [...]. A educação para ser autêntica, tem de descer a individualização, a pressão da essência humana de cada educando, em busca de suas fraquezas e temores de suas fortalezas e aspirações. [...] o processo educativo deve conduzir a responsabilidade, liberdade, crítica e participação. Educar não como sinônimo de instruir, mas de formar, e ter consciência de seus próprios atos. De modo geral, instruir é dizer o que uma coisa é, e educar é dar o sentido moral e social do uso desta coisa. (Nérici, 1972,p 12).

Por outro ângulo, Connel (1995) aborda essa temática de modo a deixar claro que a relação entre as partes citadas é entendida como uma relação de classes na medida em que os pais veem os professores como seus agentes pagos: capazes e especialistas, o que tem dificultado esse elo tão necessário para a formação humana. De acordo com Silva e Espósito:

É necessário reconhecer, portanto, que a escola é uma instituição cujo objetivo principal é a socialização de conhecimentos acumulados. Não há como negar que o papel inerente à escola seja a transmissão do saber sistematizado a formação cultural como instrumento de inserção social dos indivíduos enquanto cidadãos. É esta a sua função possível e indispensável. (Silva e Espósito 1990, p. 25).

Considerando que o desenvolvimento seja um processo promovido culturalmente, Mello (2005, p.70) afirma que: “A função da educação é realizar esse trabalho de intermediação entre o indivíduo e seu grupo cultural”. “Isso ocorre nas relações entre a criança e seus pais, entre os alunos e os educadores, em situações escolares ou não”. O autor afirma ainda que “Os pais, os professores e os adultos em geral dão suporte e orientam o desenvolvimento de uma criança”.

Para que haja um bom relacionamento entre escola e família é preciso haver diálogo entre as partes, pois segundo Freire (1987, p.16):

O diálogo fenomeniza e historiciza essencial intersubjetividade: ele é relacional e, nele, ninguém tem iniciativa absoluta. Os dialogantes “admiram” um mesmo mundo; afastam-se dele e com ele coincidem: nele põem-se e opõem-se. Vimos que assim a consciência se existencia e busca perfazer-se. O diálogo não é um produto histórico, é a própria historização. É ele, pois, o movimento constitutivo da consciência que abrindo-se para a infinitude, vence intencionalmente as fronteiras da finitude e, incessantemente, busca reencontrar-se além de si mesma. Consciência do mundo busca-se ela a si mesma um mundo que é comum: porque é comum esse mundo, busca-se a si mesma e comunicar-se com o outro. O isolamento não personaliza porque não socializa. Intersubjetivando-se mais, mais densidade subjetiva ganha o sujeito.

Um sujeito sempre espera algo do outro. E para que isto de fato aconteça é necessário que sejamos capazes de construir de maneira coletiva uma relação de diálogo mútuo, onde cada parte envolvida tenha o seu momento de fala, onde exista uma efetiva troca de saberes, sendo necessário à competência e o desejo de educar construindo relações em uma troca de ideias e valores que podem ser diferentes dos nossos (DI SANTO, 2004).

A escola, portanto, deverá respeitar os conhecimentos e valores que as famílias possuem, promovendo a participação dos membros da instituição familiar em diferentes situações, estimulando o diálogo com os pais e possibilitando-lhes também obter ganhos enquanto sujeitos interessados em evoluir e aperfeiçoar como pessoas e cidadãos que visam à transformação da realidade. Nesse sentido, é importante propor aos pais, por meio de certas contradições e situações existentes, problemas que desafiam e exigem resposta tanto no nível intelectual, como no nível da ação. (FREIRE, 1987).

Tendo em vista que o objetivo dos professores e pais é descobrir algo para serem apontados como causador desses problemas de aprendizagem. “Esquecem-se, porém, que: Tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem as suas particularidades que a diferenciam da escola e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem a sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto, ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo.” (PAROLIM 2003, p.99 apud DI SANTO, 2004).

O que se pode ver é que a escola e a família cada uma com seus valores e objetivos específicos na educação do alunado forma um organismo intrínseco, onde quanto mais diferente são, mais necessitam uma da outra, afirma (DI SANTO, 2004).

Baseado na concepção de Di Santo percebe-se cada vez mais à necessidade de uma relação conjunta onde se torna impossível o sucesso das partes isoladas, uma vez que existe uma troca recíproca onde é estabelecida uma relação de ajuda que contribuirá de forma significativa na formação do ser social.

Mello (2005, p.3) Afirma que: “Educar não é uma questão de dom, muito menos de vocação, e sim de aprendizagem, e requer muita dedicação, persistência e sensibilidade. Tudo isso que você já tem e pode ainda aperfeiçoar para garantir o sucesso dos alunos, que será também o seu”.

Em relação ao papel do professor hoje, há uma necessidade que ele seja capaz de criar gente que pensa, aprende, faz, avalia e refaz tudo de novo se preciso for, proporcionando sucesso no percurso escolar do aluno, tendo consciência de que o fracasso do educando poderá ter sido em parte, responsabilidade dele.

Portanto é necessário ressaltar a importância da parceria entre escola/família sendo então, parte dessa responsabilidade do professor, a outra parte poderá ter sido da própria família uma vez que a mesma pode acompanhar o desenvolvimento do filho e o trabalho do professor e nesse diapasão, sua participação poderá influenciar de forma significativa no processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com os PCN’S/MEC, (1997), percebe-se que o espaço escolar não está associado a uma simples relação entre professor e aluno, mas também atribui ao educador compromissos sem estar contribuindo não só na instituição escolar como também na família e comunidade.

Em uma concepção mais focada, mesmo tratando-se de uma questão polêmica, de acordo com os PCN’S/MEC (1997, vol.8, p.73), “Cabe à escola empenhar-se na formação moral de seus alunos”, pois a escola participa da formação moral de seus alunos de forma limitada onde os professores transmitem valores e regras que são necessários para um bom desenvolvimento do trabalho docente significando que essas questões devem ser objetos de reflexão da escola como um todo em um trabalho conjunto.

Esses valores não são adquiridos somente na escola, mas também no meio familiar, de onde ele trás alguns valores definidos e até mesmo regras impostas pelos pais as quais implicam nos princípios morais e éticos que poderão definir o caráter da criança.

Nessa perspectiva existem coisas fundamentais que somente os pais podem fazer para contribuir no sucesso escolar sendo este um trabalho que deverá ser feito com dedicação, carinho e muita paciência onde os resultados poderão ser gratificantes não só para a escola e a família, mas também para toda a sociedade. (ZAGURY, 2002). A autora afirma ainda que:

“Quanto mais cedo conseguirmos formar bons hábitos de estudos, tanto menos problemas teremos com a aprendizagem e o futuro dos nossos filhos”.

Com base nas teorias de Zagury, a contribuição dos pais não se limita à formação moral como também na construção de hábitos, isso implica a importância do incentivo dos pais em relação ao processo educacional sendo necessária a junção da escola e a família assim como também do meio social para que se tenha uma educação eficaz. O professor deve ser o mediador entre o meio cultural e o indivíduo, uma vez que o mesmo necessita socializar para construir o seu pensamento, pois os conhecimentos são aperfeiçoados através do meio.

Nesse sentido o educador deve levar o educando a refletir sobre o passado e o presente com a concepção de mudança, pois o homem está no processo de humanização onde a ação humana é a única que poderá fazer a diferença no mundo atual.

De acordo com os PCN’S/MEC (1997, vol. 1, p.45):

A prática escolar distingue-se de outras práticas educativas, como as que acontecem na família, no trabalho, na mídia, no lazer e nas demais formas de lazer social, por constituir-se uma ação intencional, sistemática, planejada e continuada para crianças e jovens durante um período contínuo e extenso de tempo.

Ao refletir a respeito do trabalho docente, percebe-se que as instituições educativas não têm proporcionado oportunidades para os professores atuarem em conjunto, diante disso, esses profissionais ficam cada vez mais isolados, sem condições concretas de aprenderem com seus próprios pares de trabalho, o que contribuiria muito para melhorar sua qualificação pessoal e profissional.

Só acontecerão mudanças efetivas quando os professores e todos os agentes envolvidos com o projeto escolar forem reconhecidos como interlocutores legítimos, quando forem valorizados trabalhando de forma conjunta possibilitando o acesso da família na tentativa de aperfeiçoar o trabalho educativo.

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INDIVIDUAL E COLETIVA NA CRIANÇA

Com base na importância da família no trabalho educativo necessita-se de uma ação conjunta que beneficiará a construção da identidade individual e coletiva na criança. A respeito dessa tal incumbência o artigo 205 da Constituição Federal (1998), diz que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

E reafirmada na LDB Lei n°. 9394/96, colocando a família em primeiro lugar, de acordo com o artigo 2º:

A educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana tem por finalidade o desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho.

Considerando que a educação é dever da família, sendo que quanto mais rico for seu convívio familiar, mais oportunidades o aluno terá de adquirir informações relevantes adquirindo condições de serem autônomos em defesa de seus direitos proporcionados através de seus conhecimentos.

Freire (2000), afirma que a liberdade amadurece no confronto com as outras liberdades, na defesa de seus direitos em face da autoridade dos pais, dos professores, do estado [...]. Em relação a essa liberdade é necessário que o professor possibilite ao aluno uma reflexão com o intuito de descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua trajetória enquanto cidadão ativo na sociedade vigente. (FREIRE, 1987).

Partindo desses pressupostos, se compreende a necessidade de compartilhar as responsabilidades no processo educacional da criança. Para que se encontre realmente a liberdade teremos que buscar informações que possibilite outras opções de escolha.

Somente com os conhecimentos adquiridos teremos condições de buscar novas opções de liberdade, tanto a escola quanto a família poderão criar condições para que o aluno possa desenvolver essa habilidade de estar construindo a sua própria identidade. (MEDEIROS, 2005).

Reforçando a concepção da relação entre família e escola, Tiba (1998, p.164) afirma que “a escola precisa alertar os pais sobre a importância de sua participação, o interesse em acompanhar os estudos dos filhos é um dos principais estímulos para que eles estudem”.

Ainda em conformidade com o mesmo autor, “é importante à participação dos pais nas reuniões escolares sendo necessários os meios para convocá-los e que, quando os pais são distantes da escola, é preciso trabalhar antes os alunos, para convencê-los da importância dos pais nas reuniões de modo que passem a insistir em casa motivando os pais a comparecerem”.

O autor reforça ainda que ao participar, os pais sentem-se pertencer à escola, passando a envolver efetivamente com ela sobre quando algo não vai bem, comemora com as vitórias,

demonstrando interesse de pertencer a uma comunidade na tentativa de ajudá-la exercendo seus deveres e direitos perante a escola, sendo este, um bom exercício para cidadania. Reforçando ainda, o mesmo diz: “Uma família que só exige da escola sem contribuir em nada, está educacionalmente aleijada”.

É fundamental que a escola utilize estratégias onde se pode trabalhar o aluno para que o mesmo seja o mediador entre essa relação de forma a tornar possível esse vínculo de responsabilidade e compromisso lembrando ainda que todos os meios utilizados para que alcance esse objetivo são viáveis.

Ao se deparar com uma família fragmentada percebe-se a dificuldade em trabalhar com os filhos no que diz respeito aos valores adquiridos no convívio familiar, o que vem tornando difícil a absorção desses valores por parte dos alunos o que conseqüentemente trará um baixo aproveitamento na aprendizagem, comungando com a ideia, Tiba (1998, p. 158), diz que:

Desse modo, os conflitos não resolvidos dos pais prejudicam tremendamente os filhos e acabam estourando nas escolas, nos consultórios de psicólogos ou nos fóruns de família. Para onde a criança vá, leva a sua educação ou a falta dela.

Podem-se analisar no comportamento familiar os reflexos sofridos pelos filhos de algo positivo ou negativo decorrente da convivência entre família. Desta forma quando há um empenho da mesma em acompanhar o filho na escola, o filho demonstra reações diferentes, o que contribui no trabalho do professor.

O envolvimento da família na escola produz efeito positivo nos pais, professores, escolas e comunidades locais, de acordo com Zago (2003, p.38) “é nas relações dinâmicas, por meio de múltiplas inter-relações e nas experiências sócio históricas de sujeitos concretos que se tece a trama da complexa relação com a escola”. Portanto, este estudo faz parte de uma nova etapa nas relações escola/família, em que os papéis serão reconstituídos sob novas bases éticas, políticas e culturais.

A família e a escola necessitam estar em sintonia para que ambas possam contribuir de forma significativa em relação ao ensino-aprendizagem, uma vez que, a escola é um dos principais lugares onde a aprendizagem se realiza. A escola viabiliza a construção de conhecimentos que permitem às pessoas participarem da sociedade de modo mais qualificado, para isso, há a necessidade de um envolvimento mais profundo de todos os trabalhadores da educação, como também da família, na melhoria da qualidade do ensino no sentido de proporcionar condições favoráveis que levem ao desenvolvimento cognitivo.

O processo educativo da criança é iniciado no convívio familiar onde desenvolve os afetos, adquirindo as primeiras lições de socialização, formando os alicerces que construirão sua identidade. Para tanto a escola deverá conhecer seu universo social e, alargar essa compreensão, é o grande desafio que os educadores têm pela frente, levando em consideração o fato de que a escola seja um espaço para se aprender a aprender o conhecimento histórico e também exercitar a convivência. (MELO, 2005).

Quando se trata de construção da cidadania é exigida uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social dos direitos e responsabilidades não só em relação à escola como também da família.

De acordo com os PCN'S/MEC (1997, p. 25), “a escola não muda a sociedade, mas pode , partilhando esse projeto com segmentos sociais que assumem os princípios democráticos, articulando-se a eles, constituir-se não apenas como espaço de reprodução, mas também como espaço de transformação”.

Zagury (2002, p.34) afirma que “esperar que a escola faça o papel da mãe e do pai é um engano e um sério caminho para atritos entre escola e a criança; entre a criança e a família ou entre a família e a escola”. Nesse sentido é importante que se busquem meios para esclarecer a respeito do papel das partes envolvidas de forma que estas compreendam que os primeiros conhecimentos adquiridos no convívio familiar servirão de base no desenvolvimento de sua formação pessoal.

Reforçando este pensamento e considerando a correria da era da globalização, onde os pais passam a maior parte do tempo longe dos filhos, é comum os pais esperarem que a escola ocupe a função de dar limites a seus filhos. E isto, por mais que a escola possa contribuir neste sentido, nunca poderá substituir ou reparar o mal que a omissão dos pais poderá causar.

De acordo com a Pastoral da Criança (1999, p.21), “educar é papel do pai e da mãe”. “E além do amor da mãe os filhos precisam também do carinho e da atenção do pai para se sentir mais protegido” Partindo deste pressuposto, faz-se necessário, portanto, ressaltar a importância da família no processo educacional.

Zagury (2002, p. 85), reforça ainda que “é sempre bom repetir que ninguém substitui os pais na tarefa de educar, de socializar, de ensinar o que é certo e o que é errado, de formar cidadãos éticos e de dar valores aos filhos”.

É válido ressaltar, segundo a mesma autora, a necessidade de ter consciência do modelo de ensino que a escola adota, do que cada um de nós espera nela encontrar, pois esta escolha é a chave que poderá garantir uma parceria verdadeira e duradoura entre família e escola.

Esta parceria poderá contribuir de forma significativa na formação do cidadão uma vez que refletirá tanto os interesses da família quanto da escola no que diz respeito ao ensino-aprendizagem. Ao se tratar de responsabilidade, a Constituição Brasileira, no seu artigo 4º reforça essa incumbência ao afirmar que:

É dever da família, da comunidade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade a efetivação dos direitos à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comum.(Constituição Federal do Brasil, artigo 4º).

Ao observar a conjuntura que encontramos nesse embate de responsabilidade percebemos um grande desafio no cumprimento do seu papel enquanto agente participativo e transformador no desenvolvimento educativo, onde a tarefa de envolver ambas as partes se torna primordial, pois segundo alguns teóricos, é necessário trazer a família para dentro da escola fazendo dela parceira da educação, uma vez que, é dentro da família que a criança começa a desenvolver o processo educativo e receber influências culturais. No convívio familiar, desenvolve os afetos e tem as primeiras lições de socialização formando os alicerces que constituirão sua identidade.

Para que isso venha acontecer à família precisa de apoio social. Hoje, existem várias famílias diferentes do padronizado pela figura do pai, da mãe e dos filhos, da mesma forma que não existe a família ideal também não existe a escola ideal o que exige uma parceria de respeito às diferenças e busca intensiva na melhoria da qualidade da educação.

Para reforçar tal concepção Mello (2005, p.24) fala que:

À escola, cabe conhecer o universo social dos alunos. Alargar essa compreensão é o grande desafio que os educadores têm pelo frente. A escola é o espaço para se aprender e apreender o conhecimento histórico, mas é também o lugar para se exercitar a convivência, de refletir sobre as diversas formas do convívio social.

Baseado no fato em que a criança necessita da cultura familiar, da escola e do meio social, compreende-se a importância de certas instituições estabelecerem esta relação de ajuda que contribuirá na sua formação tanto profissional quanto pessoal.

A família hoje, além da escola, conta com outros trabalhos de extrema relevância social como, por exemplo, a Pastoral da Criança que poderá ser parceira neste processo de formação. A referida entidade desenvolve uma atividade voluntária através da Igreja Católica, que ajuda as famílias a lutar pela melhoria da qualidade de vida por meios de projetos que são executados pelos líderes comunitários, os quais desenvolvem um trabalho pautado na

Constituição Brasileira em relação aos direitos sociais, servindo de modelo para outras instituições educacionais.

Para Freire a escola é um dos principais lugares onde a aprendizagem se realiza. Ela existe para viabilizar a construção de conhecimentos que permitem às pessoas participarem da sociedade de modo mais qualificado. Mas a escola como um lugar de aprender é uma conquista. Uma conquista de todos os trabalhadores da educação e também dos pais e da comunidade. Sendo assim, o conjunto de literaturas acima citadas oferecem elementos relevantes para embasar a discussão a cerca dos vínculos entre família e escola, cuja importância merece que a reflexão seja ampliada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante muito tempo a família foi deixada de lado, como sendo parte neutra na formação humana, vez que durante muito tempo, não foi reconhecida como um agente de educação, portanto se sabe que é na família que vivenciamos as primeiras formas de amor. É nela que nos humanizamos. No entanto, tem sido pouco valorizada e até mesmo tem sofrido abandono das pessoas pela falta de sentido que há reveste nos dias atuais, em que o consumismo reina e até as leis ajudam na sua fragmentação.

Acrescenta-se a tal situação que, com a tecnologia altamente desenvolvida tudo fica veloz; mas dentro de casa os sentimentos e o espaço de diálogo entre as famílias estão cada vez mais restritos. Nossa sociedade de tantas contradições está promovendo muito mais a aproximação entre culturas diferentes do que com os membros da família, e menos ainda entre a família e a escola que seus filhos frequentam.

Não diferente das outras instituições sociais, a família e a escola passam por mudanças que definem sua estrutura, seu significado e seu papel na sociedade. É certo que cada segmento apresenta reclamações e expectativas em relação ao outro.

Os professores por sua vez, reclamaram e recusam à missão mais ampla de transmitir valores morais, princípios éticos e padrões de comportamento, como se falou anteriormente, surgem questionamentos que levam à reflexão sobre o papel do educador. Se de um lado a família ignora seu papel, torna-se necessário que a escola abra espaço e use estratégias para a participação das famílias, de modo que se tornem coautores das decisões administrativas e pedagógicas.

O que se observa é a necessidade de caminharem juntas responsabilizando-se mutuamente pela formação dos alunos e, para isso, é necessário que se tenha clareza do que

cabe a cada uma das instituições, e tal esclarecimento, só a escola poderá fazer. A escola é um lugar de formação e preparação familiar, principalmente pelo fato de alguns pais não serem conscientes da importância do apoio deles junto à instituição escolar do filho, e não conseguem ver que a escola possui outros objetivos a serem desenvolvidos em seus filhos o que exige ainda mais um comprometimento dos profissionais da educação, com as famílias.

Restou para escola a responsabilidade de estabelecer a ordem nesse caos, não que ela tenha o papel de reorganizar o quadro familiar, mas a incumbência de abrir as portas e proporcionar meios que fortaleça a parceria educativa com os pais, de modo a instituir uma nova responsabilidade, e trazer de volta à escola, a legitimidade que a crise da modernidade lhe retirou.

Sem dúvida que este estudo se firma como uma base reflexiva no que se refere à relação escola/família a medida em esclarece o impasse existente e que propõe uma reconstituição dos papéis sob novas bases éticas, políticas e culturais, portanto será possível um entendimento a respeito dessa parceria e promover ações que mude o quadro educacional em prol da qualidade do ensino- aprendizagem.

A pesquisa foi relevante à medida que se constrói como suporte na formação profissional, pois é através da reflexão sobre a realidade na qual a escola está inserida que podemos avançar no processo de mudança desse quadro calamitoso. Essa pesquisa é contínua, aberta a crítica, a revisões e ao aperfeiçoamento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição Federativa**, artigo 205, 1998.

_____. **Lei de diretrizes e Bases da Educação**, lei nº. 93/94 de dezembro de 2006.

CAMPOS, Jacira Calasãs, Ilsa A. **Psicologia do desenvolvimento: Influencia da família**. São Paulo: EDICON, 1993.

CASTRO, Edilson de. **Família e Escola: o caso institucional e a crise da Modernidade**. Disp. em: <<http://clm.com.br/espaco/info9aabarra1.html>> acessado em 20.03.2002

CONNEL, R.org. **Estabelecendo a diferença: Escolas, Famílias e Divisão social**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

DI SANTO, Joana Maria. **Família e Escola: uma relação de ajuda**. Disponível em: WWW.centrorefeducacional.com.br. Acessado em 30.01.2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____ **Pedagogia do Oprimido**. 17º Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

MEDEIROS, Vera Lúcia Cardoso. **Porque é bom estudar**. Revista mundo jovem. Porto Alegre. Ed. PVCRS nº365, p. 83. Maio, 2005.

MELO, Guiomar Nano de. **Ofício de Professor**. São Paulo: Ed. Abril, 2005.

NÉRICI, Imídeo G. **Lar, Escola e Educação**. São Paulo: Atlas, 1972.

PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Vol.1. **Introdução aos parâmetros Curriculares Nacionais**/Secretaria de Educação Fundamental.-Brasília: MEC/SEF, 1997.

PAROLIM, Isabel Cristina Hierro. **Escola, para que?** Revista mundo jovem. Porto Alegre. Ed. PUCRS nº. 353, p. 2. Fevereiro, 2003.

PASTORAL DA CRIANÇA. **Guia do Líder da Pastoral da Criança**. Ed. Revista e Ampliada.- Curitiba, 2007

SILVA, Rose Neubauer e ESPÓSITO, Yara Lúcia. **Analfabetismo e Subescolarização: ainda um desafio**, SP: Cortez, 1990.

TIBA, Içami. **Ensinar Aprendendo: Como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização**. São Paulo: Gente, 1998.

ZAGO, Nadir. (org) **ET all Família e Escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

ZAGURY, Tânia. **Escola sem conflitos: parcerias com os pais**. Rio de Janeiro: Recorde, 2002.